



MEDIAÇÃO DOCENTE EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: INTERVENÇÕES “SOCIOCONSTRUTIVISTAS” EM PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA

CALIL, Eduardo¹
FALCÃO, Geni Kelly²
AMORIM, Kall Anne³

Grupo de Trabalho (GT): Leitura, Escrita, Análise Linguística e Multimodalidade

RESUMO

Esta pesquisa analisa as intervenções verbais de um professor alfabetizador durante situações de produção textual colaborativa realizadas com crianças de seis anos na Escola da Vila (São Paulo) em 1989. O estudo examina como se configurou a prática didática socioconstrutivista, investigando quais objetos textuais são reconhecidos pelo professor e se suas intervenções favorecem reflexões metalingüísticas discentes. Em sala de aula, houve o registro fílmico de 26 propostas de produção textual. Neste trabalho, a análise focaliza duas atividades envolvendo o aluno Bru em parceira com diferentes colegas. Os resultados evidenciam que, embora a proposta valorize o texto como unidade de ensino, a prática docente concentra-se em elementos do sistema alfabetético, com limitada explicitação de aspectos metalingüísticos, comprometendo o desenvolvimento da reflexão sobre a linguagem e a apropriação efetiva do sistema de escrita pelos alunos.

Palavras-chave: Socioconstrutivismo. Alfabetização. Mediação docente. Produção textual colaborativa. Reflexão metalingüística.

INTRODUÇÃO

As contribuições de Jean Piaget sobre a construção do conhecimento pela criança e as ideias sociointeracionistas de Lev Vygotsky acerca da Zona de Desenvolvimento Proximal revolucionaram a compreensão dos processos de aprendizagem infantil. Fundamentada especificamente na teoria piagetiana, a obra “Psicogênese da Língua Escrita”, de Ferreiro e Teberosky (1985), provocou mudanças significativas nas propostas curriculares, inicialmente no âmbito das escolas privadas e, posteriormente, com repercussões em políticas públicas de alcance nacional (Brasil, 1997).

Essa obra estabeleceu o entendimento de que a alfabetização se configura como uma construção conceitual do sistema de representação escrita pela criança, em oposição a abordagens consideradas tradicionais e mecanicistas. No entanto, apesar da vasta produção acadêmica sobre os pressupostos teóricos do socioconstrutivismo e de sua ampla adoção em documentos curriculares e programas de formação docente, as investigações

¹ Professor titular da Universidade Federal de Alagoas – Ufal, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Laboratório do Manuscrito Escolar – LAME. calil@cedu.ufal.br.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/Ufal). idalinokelly@hotmail.com.

³ Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/Uast). Atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/Ufal). E-mail. kall.braga@ufrpe.br.





que examinam minuciosamente como esses princípios se concretizaram nas interações cotidianas entre professores e alunos permanecem limitadas.

É nesse contexto que se insere o presente estudo, cujo objetivo é analisar as intervenções verbais de um professor alfabetizador durante atividades de produção textual colaborativa realizadas com crianças em processo inicial de alfabetização. Busca-se, especificamente, identificar os objetos textuais (Calil, 2016) reconhecidos (Barbeiro *et al.*, 2022) e problematizados pelo professor em suas intervenções, caracterizar os tipos de mediação docente mobilizados e examinar se as estratégias utilizadas favorecem a emergência de reflexões metalingüísticas discentes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para analisar as intervenções verbais do professor, adaptamos o conceito de objetos textuais (OT) proposto por Calil (2016), que se refere a qualquer elemento gráfico, linguístico ou discursivo diretamente relacionado ao texto em curso e reconhecido pelo escrevente como um elemento passível de ser acrescentado ou modificado. Diferente dos estudos que focam na identificação de OT pelos alunos, esta pesquisa investiga como o docente seleciona e destaca determinados OT durante a produção textual colaborativa.

A análise das intervenções docentes baseia-se na tipologia estabelecida por Barbeiro *et al.* (2022), que distingue três categorias principais: elementos linguísticos (letras, palavras, grupos de palavras, frases e sinais de pontuação), elementos textuais (organização discursiva, estrutura narrativa, título, personagens) e elementos gráfico-espaciais (formato das letras, ocupação do espaço da página, utilização de sinais gráficos). Essa categorização permite examinar quais OT chamam a atenção do professor e, também, como suas intervenções se estruturam linguística e pedagogicamente.

Nessa perspectiva, o potencial da escrita colaborativa para a emergência de reflexões metalingüísticas é amplamente reconhecido. Como apontam Barbeiro *et al.* (2019) e Calil (2016), a interação entre diferentes perspectivas e saberes durante a escrita colaborativa demanda argumentação, negociação e explicitação de critérios linguísticos.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS





Esta pesquisa se configura como um estudo de caso, abordagem qualitativa, cujo *corpus* de análise é constituído pelos registros de uma pesquisa-ação coordenada pelo professor de uma turma de alfabetização da Escola da Vila, instituição pioneira na abordagem socioconstrutivista da cidade de São Paulo. Entre 13 de março e 26 de junho de 1989, houve a filmagem, em VHS, de 26 atividades de produção textual colaborativa realizadas com 22 crianças de seis anos em sala de aula.

Inicialmente, do conjunto de 26 propostas filmadas, foram selecionadas nove que envolvem o aluno Bru em interação com diferentes colegas, totalizando 54 minutos e 26 segundos de interações diretas com o professor. Os critérios de escolha consideraram a frequência de registros com esse aluno e as cenas em que o professor intervém diretamente sobre as duplas durante o processo de escrita. Para este trabalho, selecionamos duas das nove propostas analisadas: (001G1) lista de bichos e (017G1) notícia de jornal, que permitem demonstrar a metodologia e os principais achados. A primeira atividade foi realizada em 13 de março e a segunda no dia 29 de maio de 1989.

A unidade de análise contempla o texto dialogal (TD), constituído pelas interações verbais entre os participantes durante a produção textual, com foco específico nos OT destacados pelo professor. A análise também se concentra nas falas do professor relacionadas a esses OT. A categorização dos elementos linguísticos, textuais e gráfico-espaciais adota os critérios estabelecidos por Barbeiro *et al.* (2019) e Calil (2016).

RESULTADOS

As interações analisadas durante produções textuais colaborativas revelam aspectos significativos sobre a materialização dos princípios socioconstrutivistas em contextos reais de alfabetização. Neste momento, trazemos as interações estabelecidas entre o professor e seus alunos durante propostas de produção da lista e, depois, escrita da notícia.

Primeira atividade realizada pelos alunos, a produção da lista aconteceu no dia 13 de março de 1989. Na banca da diáde, havia um prato com todas as letras do alfabeto. Os alunos sorteavam uma letra e deveriam pensar em um nome de animal com letra inicial correspondente a letra sorteada. Depois, registravam o nome desse animal com letras móveis e, por fim, copiavam-no em uma folha de papel.





TD1: [001G1_11:49-12:10_lagarto](#)

Contexto: Bru sorteia a letra “L”, mas não responde de imediato. Jul hesita antes de dizer que é a letra L. Como nenhum dos dois sabe um animal com essa letra, o professor sugere que sorteiem outra. A partir daí, inicia-se o TD transscrito abaixo.

8. Jul: (Sorteando a letra “a” no prato e falando o nome do bicho) Lagarto!
9. Prof: (Pegando a letra “a” das mãos de Jul e colocando-a sobre a mesa [A]) **Lagarto!?** Então vamos lá!
10. Jul: (Silabando) La...gar... Outro “A”. (Escrevendo [AA]).
11. Prof: Vai Bru, ajuda o Jul senão fica difícil. (Direcionando o prato para perto de Bru).
12. Jul: (Silabando) La... gar...
13. Bru: ...to.
14. Prof: ...to. **L Que letra que se usa?**
15. Jul: (Simultâneo à fala do professor) ...to “O”... “O” (Escrevendo [AO]).
16. Prof: Pronto?
17. Jul: (Lendo silabicamente) La[A] gar[A] to[O].
18. Prof: Lê pra mim Bru.
19. Bru: (Lendo silabicamente) La[A] gar[A] to[O].
20. Prof: Muito bem!

Jul sorteia a letra “A” no prato e, imediatamente, enuncia “Lagarto!” (turno 8), estabelecendo uma relação entre a letra A sorteada e o nome do animal escolhido. A fala do aluno evidencia que, para Jul, lagarto é um animal que começa com “A”, não com “L”, uma interpretação que pode estar relacionada à sua percepção sonora da sílaba inicial da palavra ou à forma como estabelece a correspondência som-letra. Segundo a psicogênese da língua escrita, trata-se de um erro construtivo que revela aspectos importantes sobre as hipóteses infantis em construção.

A intervenção docente é iniciada quando o professor reconhece o OT, repetindo “Lagarto!? Então vamos lá!” (turno 9). Jul inicia a escrita silabando “La...gar... Outro ‘A’” (turno 10) e escreve [AA], evidenciando uma hipótese silábica com valor sonoro ao atribuir uma letra para cada sílaba pronunciada. Nesse momento, o professor reconhece a dificuldade de Jul e solicita mediação colaborativa de Bru: “Vai Bru, ajuda o Jul senão fica difícil” (turno 11), sem, contudo, explicitar estratégias de análise da palavra. Na sequência, ao identificar o segmento final “to”, o professor pergunta “Que letra que se usa?” (turno 14) e Jul responde “O” (turno 15). Posterior a leitura do que foi escrito pelos alunos, a atividade é concluída com êxito prático, mas sem avanços metalingüísticos significativos.

No texto dialogal a seguir, o gênero explorado é a notícia de jornal, narrada pelo professor em roda: a história de Aline e sua pipa presa nas asas de um avião. A atividade ocorreu no dia 29 de maio de 1989. Das 24 atividades realizadas, ela foi a 17º.





TD2: [017G1_05:03-05:46_como começa a notícia](#)

Contexto: A dupla Bru e Thi está lendo as letras do crachá, enquanto o professor organiza os demais alunos da sala de aula em diáde. Ao se aproximar da dupla Bru e Thi, o professor recolhe os crachás, dando início ao diálogo com os alunos. Do turno 41 ao 47, o professor e os alunos conversam sobre escrever com “letra de mão”, isto é, escrever à mão.

37. Prof: **Como começa a notícia de vocês? Como começa a notícia de vocês? Que vocês vão inventar da Aline?**
38. Thi: (Levantando a mão esquerda e balançando a cabeça negativamente enquanto fala) Que ela... eu acho que ela ficou cheia de espinhos.
39. Prof: **Cheia de espinhos? Então, como que a gente começa?**
40. Thi: Não. Eu acho que ela morreu. Vai. [turnos 41 ao 47]
53. Prof: **Mas espera um pouco. Como é que começa a notícia?**
54. Bru: Ela se enroscou no avião.

Ao se aproximar da dupla, vendo que os alunos ainda não haviam começado a escrever a notícia, o professor pergunta como é que começaria a notícia que eles iriam inventar sobre a Aline (turno 37). Apesar de ser a 17ª proposta, os alunos nunca haviam trabalhado com esse gênero textual. Os alunos indicam não saber bem o que dizer. Mesmo assim, Thi verbaliza dois possíveis fatos a serem escritos. Primeiro, a menina caiu e ficou cheia de espinhos (turno 38). No segundo, ele diz que ela morreu (turno 40).

O professor recusa iniciar a notícia relatando os dois fatos, provavelmente por não corresponder ao esperado em termos de estrutura inicial de uma notícia, repetindo sua pergunta inicial: “Como é que começa a notícia?” (turno 53). Isso leva Bru a formular outra frase, também pouco adequada para se iniciar uma notícia, porém mais próxima de uma sequência de ações inicial: “Ela se enroscou no avião” (turno 54). Talvez, por isso, o professor tenha aceitado esse enunciado. Porém a partir deste momento, o OT reconhecido se altera, como veremos na continuidade do diálogo, no próximo TD.

TD3: [017G1_05:47-06:13_elas](#)

Contexto: Após Bru responder que a notícia começa com “Ela se enroscou no avião” (turno 54), o professor aproveita essa sugestão para dar início à escrita da notícia, direcionando a atenção para o OT “ela”.

54. Bru: Ela se enroscou no avião.
53. Prof: Ela se enroscou?! Então, vamos lá. (Ditando) **Ela... Como é que é “ela”?**
54. Thi: (Falando com ênfase o nome da letra) “E”.
55. Bru: (Olhando para régua-alfabeto e falando) “A”.
56. Prof: **“E” com “A”?**
57. Thi: Não. (Procurando na régua-alfabeto a letra “e”) É o “E”. (Apontando para a letra “E” do alfabeto móvel) É o “E”. Esse é o “E” (Escrevendo [E]).





58. Prof: (Ditando) **Ela... Como que é o “LA”?**
59. Thi: (Rindo satisfeito) O “A”. (Escrevendo [EA] para “ela”).
60. Bru: (Repetindo) O “A”... (Falando a letra inicial da palavra ‘se’ e indo buscar a letra “I” na régua-alfabeto) ...!...

A partir desse momento, o professor destaca como OT aspectos não mais relacionados ao gênero textual (notícia), mas voltado à base alfabetica, particularmente a escrita da palavra “ela”. Isso fica caracterizado em suas perguntas sucessivas: “Como é que é ‘ela’?”, “[se escreve] com [as letras] ‘E com A’?”, “Como é que é o ‘LA’?”.

O mapeamento quantitativo realizado integralmente da proposta da notícia evidencia a concentração das intervenções em elementos do sistema de escrita: das 67 enunciações do professor, 41 (61,2%) incidiram sobre OT relacionados à base alfabetica, enquanto aspectos discursivos do gênero ocuparam posição secundária com 13 ocorrências (19,4%). As falas do professor caracterizam-se predominantemente por perguntas sobre “qual letra usar” ou “quantas letras precisa”, sem explorar as propriedades sonoras das palavras ou as convenções do sistema alfabetico. Mesmo diante de conflitos cognitivos evidenciados pelos alunos, o professor evita fornecer informações diretas sobre o funcionamento do sistema de escrita, adotando frequentemente a estratégia de redistribuir responsabilidades entre os pares ou formular novas perguntas.

Embora as atividades valorizem a autoria das crianças através de propostas diversificadas e promovam situações colaborativas com materiais manipuláveis como letras móveis, observa-se uma mediação caracterizada pela predominância de perguntas sem explicitação de critérios linguísticos. A progressão dos TD analisados demonstra que a implementação dos pressupostos socioconstrutivistas, centrada na descoberta autônoma discente, pode limitar significativamente a sistematização do conhecimento sobre o princípio alfabetico, sugerindo a necessidade de investigações mais profundadas sobre os efeitos dessa abordagem para o desenvolvimento da consciência metalinguística na alfabetização inicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa evidenciam desafios significativos na implementação prática dos princípios socioconstrutivistas em contextos reais de alfabetização. Ainda que





a proposta ressalte o trabalho com o texto como unidade de ensino, observa-se que a prática docente se concentra predominantemente nos aspectos gráficos e alfabéticos, com limitada atenção aos elementos discursivos e metalinguísticos. As perguntas feitas pelo professor, como mostramos nos episódios extraídos da produção de uma notícia de jornal, são representativas das formas de mediação do professor em relação às duplas de alunos, ao longo de outros episódios de textos dialogais.

A análise permite refletir sobre os efeitos de uma mediação pouco orientada ao funcionamento do código escrito, contribuindo para compreender os limites de determinadas abordagens pedagógicas ainda presentes na alfabetização atual. Reafirma-se a importância de práticas que articulem autoria e ensino explícito, promovendo o acesso efetivo à linguagem escrita desde os primeiros anos escolares.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Luís Filipe; PEREIRA, Luísa Álvares; CALIL, Eduardo; CARDOSO, Inês. Termos metalinguísticos e operações de natureza gramatical na escrita colaborativa dos alunos do ensino básico. **Tejuelo**, 2022, v. 35, n. 2, p. 45-76.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 3. ed. Brasília: MEC, 1997. 144 p.

CALIL, Eduardo. **A construção de zonas de desenvolvimento proximal em um contexto pedagógico**. 1991. 147f. Dissertação (Mestrado em Didática) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48133/tde-18032025-082151/publico/EDUARDO_CALIL.pdf. Acesso em: 26 mar. 2025

CALIL, Eduardo. O sentido das palavras e como eles se relacionam com o texto em curso: estudo sobre comentários semânticos feitos por uma diáde de alunas de 7 anos de idade. **Alfa: Revista de Linguística** (São José do Rio Preto), v. 60, p. 531–555, dez. 2016.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médica, 1985.

